

Análise do discurso e derrisão: um caminho a percorrer

Lígia Mara Boin Menossi de Araujo¹

Resumo: Com base no aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, derivada de Michel Pêcheux (1997), temos como principais objetivos tentar pensar o funcionamento e a constituição do discurso derrisório, assim como tentar situar a derrisão no processo de desenvolvimento da Análise do Discurso. Para isso, mobilizamos alguns teóricos como Maltby (2003), Bonnafoos (2001), Mercier (2001), Bergson (2004) e iremos construir uma breve análise discursiva derrisória em vídeos montagens do *YouTube* intituladas *Lula o analfabeto*, *Lula Bebum* e *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva* em que o alvo da derrisão é o então candidato à presidência Luis Inácio Lula da Silva.

Palavras-chave: derrisão, análise do discurso, humor.

Résumé: Sur La base de l'appareil théorique-methodologique de l'analyse du discours de la ligne française, dérivé de Michel Pêcheux (1997), nous avons comme objectifs principaux tenter penser le fonctionnement et la constitution du discours dérisoire, ainsi comme, tenter situer la dérision du processus de développement d'analyse du discours. Pour cela, nous mobilisons quelques théoriques comme Maltby (2003), Bonnafoos (2001), Mercier (2001), Bergson (2004) et après nous construirons une bref analyse discursive dérisoire en vidéo-montages du *Youtube* intitulées «Lula o analfabeto», «Lula bebum» e «Novas pérolas de sabedoria de Lula da Silva» qui le cible de la dérision c'est le candidat à la presidence «Luis Inácio Lula da Silva».

Mots-clés: dérision, l'analyse du discours, humeur.

Primeiras ideias

Este trabalho tem como seu primeiro objetivo refletir acerca do que é o discurso político derrisório, discurso esse ainda pouco explorado no campo das ciências da linguagem. Outro objetivo é situar a derrisão no processo de desenvolvimento da análise do discurso de linha francesa. Delinearemos, inicialmente, um percurso histórico sobre a Análise do Discurso - AD, procurando definir alguns elementos sob os quais esta disciplina se estabeleceu. Posteriormente, serão expostos esclarecimentos sobre a atuação e os mecanismos dos processos derrisórios como um novo campo a ser explorado dentro da análise do discurso no Brasil. Para isso, faremos uma breve análise sobre a constituição do discurso derrisório em uma nova materialidade discursiva que são videomontagens do *YouTube*² que tem como alvo de *debicagem* o então candidato à presidência Luis Inácio Lula da Silva.

1 Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. Bolsista Fapesp/Processo no. 2011/09851-8. Correio eletrônico: limenossi@hotmail.com

2 <http://www.youtube.com>

Esse discurso ocupa um lugar central na produção de discursividades em torno do que ocorre no cenário político brasileiro, isso devido ao objeto de estudo encontrar-se em uma nova materialidade discursiva para o debate político: o ambiente virtual³. Além disso, esse trabalho pode contribuir para a construção de uma Web Memória da política brasileira, constituída por textos menos nobres⁴.

Dos alicerces à derrição

A Análise do Discurso de linha francesa foi concebida com a *Análise Automática do Discurso*, em 1969, por Michel Pêcheux, filósofo que, mesmo tendo percorrido os caminhos da linguística, jamais deixou suas bases filosóficas e inseriu o discurso como objeto de estudo, já que as ferramentas de análise até então não contemplavam tal objeto, apesar de ele estar sempre presente, segundo Pêcheux. Talvez, por isso, a *Análise Automática do Discurso* (AAD) tenha chocado tanto, pois pensava originalmente em questões como: texto, leitura e sentido, fora de qualquer viés cognitivista (MALDIDIER, 2003).

A AD, portanto, pode ser vista como o encontro fortuito de diferentes áreas do conhecimento que deixaram brechas em suas teorias e assim possibilitaram a fixação dessa nova disciplina que, além de utilizar esse espaço já existente, constrói o seu lugar retirando de suas

3 Esse espaço recém-inaugurado como lugar público de debate e embate dos discursos políticos pode ser observado, entre outras coisas, na importância que tiveram as redes sociais (Orkut, Facebook, Blogs, Twitter etc.) nas campanhas presidências brasileiras em 2010. Além dessas campanhas, tivemos a eleição do presidente americano, Barack Obama, em 2008, que muito se valeu dessas ferramentas virtuais, bem como outros debates políticos, e até porque não dizer, revoluções que se beneficiaram do grande alcance e agilidade da virtualidade, cito, como exemplo, a grande crise político-social que vem ocorrendo em alguns países (Egito, Líbia, Marrocos, Síria etc.).

4 Esta pesquisa integra as reflexões desenvolvidas no Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais - LEEDIM. O laboratório está sediado no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar e congrega pesquisadores nos mais diversos níveis (graduação, iniciação científica, mestrado e doutorado) tanto da UFSCar quanto da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT e da Universidade Estadual da Bahia - UNEB. Dentre os objetivos do laboratório, estão analisar o modo como os mais diversos suportes midiáticos por meio de textos multimodais, que se dão a circular como menos opinativos, constroem uma escrita da história de campanhas presidenciais brasileiras bastante distinta da história oficial veiculada nos editoriais, nos artigos de opinião, nas análises políticas, por exemplo. Tais textos, por seu caráter eminentemente humorístico, satírico dizem o que um artigo de opinião não poderia dizer. Elegemos como *corpus* de análise textos multimodais: fotografias derrisórias, fotomontagens, charges impressas, charges eletrônicas, caricaturas políticas e, textos sobre o anedotário político brasileiro, veiculados por jornais, sites e revistas brasileiras de grande circulação nacional. São analisados discursivamente no "entremisturar" descrição e interpretação textos multimodais publicados na Folha de S. Paulo; no Estado de S. Paulo; na Revista Veja, na Revista Época e no site *YouTube* durante os primeiros e segundos turnos das campanhas presidenciais brasileiras de 1998, 2002; 2006 e 2010. Este projeto é apoiado pelo CNPq.

vizinhas posicionamentos teóricos produtivos para tratar desse novo objeto: o discurso. Segundo Maldidier (2003), a AD pode ser dividida em três grandes épocas: *O Tempo das Grandes Construções* (1969 a 1975); *Os Tateamentos* (1976 a 1979); e *A Construção Domesticada* (1980 a 1983).

Na primeira fase, o Tempo das Grandes Construções (1969 a 1975), Pêcheux desenvolve seu programa de Análise Automática do Discurso 69, no qual propôs desenvolver um dispositivo teórico pensado conjuntamente com o dispositivo analítico informatizado, com duas finalidades:

(...) reunir um conjunto de traços discursivos empíricos ('corpus de seqüências discursivas') fazendo a hipótese de que a produção desses traços foi, efetivamente, dominada por uma, e apenas uma, máquina discursiva (por exemplo um mito, uma ideologia, uma episteme) e construir, a partir desse conjunto de traços e através de procedimentos lingüisticamente regulados, o espaço da distribuição combinatória das variações empíricas desses traços: a construção efetiva desse espaço constitui um gesto epistemológico de 'ascensão' em direção à estrutura desta máquina discursiva que supostamente as engendrou (PÊCHEUX, 1990, p. 312).

Pêcheux demonstrava seu fascínio por máquinas ao criar a análise automática. Seu objetivo era, então, elaborar um "dispositivo técnico complexo informatizado" para a análise do enunciado (MALDIDIER, 2003, p.20). ***Não tinha a pretensão de substituir nenhuma teoria da linguagem, mas***, sim, a de poder se embrenhar nas fendas teórico-metodológicas deixadas por elas. Para construir a noção de discurso, apoia-se criticamente em Saussure, reconhecendo nele o ponto de origem da ciência linguística. Assim, Michel Pêcheux constrói o novo conceito de *discurso* com base nesses pontos ditos como de origem da ciência linguística elaborados por Saussure – como a ideia de que a língua é um sistema –, todavia, é a chamada "*máquina discursiva*", a AAD que trará o discurso para os estudos nas ciências humanas e poderá contribuir para a fundação desta nova disciplina: a Análise do Discurso. Disciplina que terá como uma de suas características a convergência de diferentes acontecimentos teóricos e políticos, mas não simplesmente um marco fundador.

Um conceito que trazia o que estava fora do escopo dos estudos que se debruçavam sobre a linguagem, no exterior, e ajudava na seleção do *corpus* que seria analisado é o de "condições de produção".

Pêcheux afirma que, para se analisar um discurso, se faz necessário levantar os “conjuntos de discursos possíveis” que estão ligados a determinadas “condições de produção”. Pensando de maneira mais sistemática, o dispositivo de análise pecheutiano tinha basicamente duas fases: a primeira estava focada em desmontar a sintaxe da frase até enunciados elementares e a segunda seriam as “classes distribucionais” semelhantes às “classes de equivalência de Harris, isto é, que descreveu a maneira como os algoritmos intervêm para construir os “domínios semânticos para um processo discursivo”. O linguista Harris - na elaboração do método de Pêcheux - foi peça determinante e necessária para investigar os “efeitos de sentido” que se buscava para ultrapassar a ideia de unidade atribuída aos textos (MALDIDIER, 2003, p.23).

Esse foi o primeiro passo para a construção de uma “teoria do discurso”; dentro de suas inúmeras falhas, retornos e recalques, a “Análise Automática do Discurso”, que deslocou as ideias do marxismo, do saussurianismo e da psicanálise, abrindo questionamentos sobre a concepção de texto e discurso tomando como base a linguística e a informática. A elaboração da AAD69 fez com que Pêcheux sentisse necessidade de tornar-se linguista; ele também adentra o mundo da informática para melhorar o dispositivo de análise da AAD69. Tudo isso faz com que questões centrais como a produção do enunciado não sejam deixadas de lado e logo o filósofo soube que a enunciação era o percurso de análise que levaria ao discurso, entretanto, deixou claro que o caminho a ser percorrido e discutido seria o da semântica.

O ano de 1970 deve ser citado por marcar futuras elaborações de Pêcheux como a ideia de “formações discursivas, interdiscurso, intradiscurso, o apagamento do sujeito”; pistas começam a ser deixadas sobre essas futuras abordagens por uma publicação feita com “tripla assinatura” Antoine Culioli, Catherine Fuchs e Michel Pêcheux intitulada “Considerações teóricas a propósito do tratamento formal da linguagem” (MALDIDIER, 2003, p.27).

Em 1971, o artigo do nº. 24 da Langages, “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso”, escrito com a colaboração de Claudine Haroche e Paul Henry, com pretensões epistemológicas, inaugura uma reflexão sobre a linguística e faz pensar a questão do sentido – a semântica seria “o laço que liga as “significações” de um

texto às condições sócio-históricas que vão contribuir para essas significações” (MALDIDIER, 2003, p. 31). Embora o momento fosse de efervescência nas ciências humanas, o que propunha Pêcheux parecia para a época extremamente polêmico e desestabilizador, justamente por trazer questões centrais do campo da Linguística e da Semântica de maneira contestadora. Fica claro que seu trabalho estava aportado nas formulações saussurianas e por isso ele toma conceitos como de sistemas para alguns de seus empreendimentos e contesta derivas que, segundo ele, foram deixadas soltas e por onde ele poderá embasar suas ideias. Além disso, nesse texto de Pêcheux, ***há a consolidação da participação do materialismo histórico em sua teoria para poder relacionar discurso e ideologia numa relação não de causa e consequência como pensam os sociolinguistas franceses, mas, sobretudo, de imbricação.***

O artigo “Ideologia e Aparelhos ideológicos do Estado” de Louis Althusser é um traço muito significativo na obra de Pêcheux, pois postula que “o discurso é implicitamente assimilado a uma prática que acontece nas relações de forças sociais através de um aparelho” (MALDIDIER, 2003, p.33). A partir daí, após leituras de Gotlob Frege, embates teóricos com Oswald Ducrot tendo ao seu lado Paul Henry, Pêcheux postula o conceito de pré-construído, que permite abarcar também o de interdiscurso, crucial para dar conta epistemologicamente da *não-adamicidade* do discurso.

Logo após seu encontro com o texto de Althusser, lança o artigo “Atualizações e perspectivas a propósito da análise automática do discurso” na revista *Langages* nº. 37, de março de 1975. Neste artigo, Pêcheux caminha para o amadurecimento de algumas de suas postulações anteriores e para a publicação de sua obra: *Semântica e Discurso*⁵; por isso, há uma atualização dos procedimentos utilizados até o momento, o que mostra toda a transformação que estaria por vir. Essa reescritura que expõe seu intrigante regresso a seus textos permite mobilizar as três regiões do conhecimento científico que seriam tidas como o cerne da AD, o “quadro epistemológico” (MALDIDIER, 2003, p.38, grifos do autor): materialismo histórico, linguística saussuriana e psicanálise. Assim, a AD privilegia uma metodologia interdisciplinar que articula esses pressupostos epistemológicos:

5 Título original: *Les vérités de la Palice*.

O materialismo histórico como teoria das formações sociais e de suas transformações, aí compreendida a teoria das ideologias; - A linguística como teoria ao mesmo tempo dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; - A teoria do discurso como a teoria da determinação dos processos semânticos (MALDIDIER, 2003, p.38).

“Tríplice Entente” é como Michel Pêcheux denomina o encontro teórico de Marx, Freud e Saussure na Análise do Discurso (MALDIDIER, 2003, p.67). Por isso, a AD articula pressupostos teóricos da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise, tecendo questionamentos endereçados a Linguística sobre o fato de ela deixar a historicidade excluída de seu terreno, ao Materialismo que considera o simbólico como evidente e a Psicanálise que não inclui a ideologia como elemento do inconsciente (ORLANDI, 2002). Articulados esses três campos do saber, a questão da enunciação é trazida para ser também rediscutida, e o filósofo propõe uma trilha diferente das interpretações empiristas que tomavam os traços linguísticos como produto de um sujeito fonte. Além dessa, outra questão emergiu neste número da *Langages*, a “teoria dos dois esquecimentos” que se refere à ilusão do sujeito em ser a fonte e a origem do sentido. O primeiro se refere ao sentido que se forma no exterior, “inacessível ao sujeito” e o segundo à “superfície do discurso” na qual o sujeito pode circular (MALDIDIER, 2003).

Em maio de 1975, “Semântica e Discurso” traz reflexões já trabalhadas por Michel Pêcheux que se reúnem com a sua reflexão de fundo: a filosofia. Assim, podemos tomar como tema central do livro *o discurso* permeado por discussões sobre “**linguística e história, sujeito e ideologia, ciência e política**”. **Sua primeira exposição é sobre a questão semântica**. Ela seria, segundo ele, um “ponto nodal”, e, pensando na união de diferentes pontos, ele inicia leituras e releituras filosóficas. Mالدidier (2003, p.45) afirma que Pêcheux mostra sua “genialidade” quando propõe o “ponto lógico-linguístico”, **que será o pilar de suas reflexões linguísticas para formar o grande “ballet filosófico” encontrado no percurso pecheutiano**.

Em *Semântica e Discurso*, há textos que tratam de reflexões filosóficas □ de Aristóteles à semântica moderna, por exemplo □ que irão salientar o pensamento crítico que se constrói sobre a dicotomia existente no campo filosófico e a necessidade de uma intervenção no campo linguístico. **Pêcheux salienta a necessidade de postular**

questionamentos dentro da linguística sobre seu próprio domínio e adentrar seu campo por meio de outros objetos do domínio científico. Por meio de uma (re)leitura de Gotlob Frege, ele trabalha a questão lógico-linguística das relativas. Além disso, para Pêcheux, este é “o grande momento da ordenação dos conceitos”: o interdiscurso, intradiscurso e o aprofundamento do pré-construído e das formações discursivas (PÊCHEUX, 1997).

Posteriormente, na segunda fase, a dos Tateamentos, inicia-se um período – de 1976 a 1979 – em que há grandes reviravoltas teóricas. Nesse período, os grupos de estudos formados percebem que a AD era realmente um campo onde se constituía um confronto teórico-político. Diante dos debates entre os marxistas sobre as questões de linguagem e política, Maldidier (2003) salienta que Pêcheux produz textos que expressavam certa arrogância, diferentes daqueles da época das grandes construções, tudo isso em virtude do duelo teórico-político contra o reformismo. Aqui como em outros momentos fica evidente a ligação entre o desenvolvimento teórico da AD e as questões políticas vigentes na França.

No início de 78, tinha-se como objetivo esclarecer o surgimento do linguista soviético Mikail Bakhtin cujo livro “Marxismo e Filosofia da Linguagem” acabava de ser traduzido para o francês. Saussure e a questão da língua eram o ponto basilar pela crítica ao seu *objetivismo abstrato*. A língua é concebida como “algo concreto”, fruto da manifestação individual de cada falante – e, por esta razão, os analistas do discurso também valorizam a fala, de modo que, ao tratar da linguagem, eles a conceberam como um modo de ação social: um espaço de conflitos e de embates ideológicos. Entende-se, pois, que a linguagem não poderá ser estudada fora dos quadros sociais, visto que o seu processo constituidor e seus sentidos são histórico-sociais, razão pela qual os conceitos de condições de produção do discurso, de formação discursiva e de formação ideológica são postulados pelos estudiosos da AD como sendo fundamentais para o estudo da linguagem.

Posteriormente, Pêcheux desenvolve autocríticas em torno da sua própria teoria como no texto “Só há causa daquilo que falha” em relação ao sujeito de “Semântica e Discurso” que reproduz a ilusão e o “eu-sujeito-pleno” (MALDIDIER, 2003, p.69). Maldidier (2003) intitula

o período de 1980 a 1983, a terceira fase, como a “Desconstrução Domesticada” já que os conceitos até então postulados pelos estudiosos seriam modificados em virtude de um amadurecimento necessariamente vigente na época, que começou por meio do colóquio “Materialidades Discursivas” – constituindo um processo de desconstrução-reconstrução no qual alguns temas tocariam a problemática do discurso, como por exemplo, o discurso sob o signo da heterogeneidade, de Jacqueline Authier-Revuz. Assim, Pêcheux propõe que haja uma mudança nos próprios objetos da AD o que toca intimamente no objetivo proposto neste artigo, situar o momento em que Pêcheux abre as questões teóricas da Análise do Discurso para se pensar em outros objetos além do discurso político que era o alvo principal até aquele momento.

Neste caminho, Jean-Jacques Courtine e Jean Marie Marandin lançarão uma crítica à questão de se considerar o *corpus* como homogêneo e trarão para a AD proposições novas, fruto de suas próprias experiências e do embasamento foucaultiano da *A Arqueologia do Saber*. Além disso, o primeiro também traz à tona questões como as de formação discursiva, memória e arquivo. Há uma modificação na forma de olhar o *corpus*: ele agora é heterogêneo. A questão das relativas até então tinha sido objeto privilegiado de estudo, mas, se o intuito era pensar em discurso e linguística, o objetivo agora deveria basear-se nos estudos linguísticos em andamento sobre a *discursividade*, noção que apareceu no colóquio “Materialidades Discursivas” e designava um novo horizonte de trabalho.

No início do ano de 1983, a AD foi consagrada disciplina. Teria, então, que se engendrar no próprio terreno, juntar-se à questão das *leituras de arquivo* (MALDIDIER, 2003) que seria a diferença dos níveis sociais de leitura, isto é, a oposição entre os “ruídos” da leitura que observava o código e o sistema e a interpretação que levava em conta somente o sentido, além de colocar-se em confronto com os textos sócio-históricos mais diversos. Para tratar mais extensamente deste assunto, o filósofo escreve “A (des) construção das Teorias Lingüísticas” e logo após “Discurso: estrutura ou acontecimento?” em que analisa o enunciado “*On a gagné!*” e percebe que *não há ritual sem falha*, portanto que o sentido está constitutivamente fadado ao equívoco.

Posteriormente, foi criado o grupo “Análise linguística da sequência” que tinha “como objetivo trabalhar sobre as propriedades

linguísticas da sequencialidade intra-discursiva”, isto é, era de interesse de seus componentes – Michel Pêcheux, Jacqueline Authier, Jean-Marie Marandin e outros – voltar ao campo da linguística em que predominava “a gramática da frase” para se estudar certos fenômenos enunciativos que permitiam visualizar o encadeamento das frases no discurso (MALDIDIER, 2003, p.78). Esse era, então, o tempo da RCP ADELA (Pesquisa Cooperativa Programada e Análise do Discurso e Leitura de Arquivo) em que a análise do discurso se aproxima da “leitura de arquivo” e o conceito de Foucault “arquivo” desloca a questão da leitura como “máquina de ler” e a insere no confronto com diversos textos-sócio-históricos (Id. Ibid., p.80).

Em suas últimas reflexões, Michel Pêcheux instigou a abertura da AD para essas novas ideias na “história, em sociologia, em psicologia, por todo o campo em que se produza, formate e circule textos, isto é, no espaço em que se produz o encontro da língua com o sujeito” (MALDIDIER, 2003, p.96). Houve uma transformação na própria análise: *renovando os objetos*, conhecendo o oral, a linguagem comum.

As pesquisas em torno do discurso derrisório, do humor presente em outras discursividades, como em videomontagens, pode ser engendrada nesta abertura para novas discursividades em que é possível pensar em novos objetos. O que pode sustentar um dos objetivos deste trabalho: pensar onde em que momento podemos situar os estudos sobre o discurso derrisório. Trazida, em especial no ano de 2001, como um novo material de análise da AD, ela emerge, segundo Mercier (2001), porque ***é praticada na fala de uma maneira mais regular do que se possa admitir; além disso, comporta uma competência sócio-emocional muito maior do que aparece à primeira vista. Toda uma gama de ciências sociais procura estudar o uso dessa arma poderosa, pois a derrisão e o riso buscam sempre um lugar privilegiado na sociedade. Por meio de simples*** expressões populares características de determinado grupo social, há visivelmente a busca por esse lugar.

Derrisão: um novo objeto

Como já dissemos, quando pensamos a derrisão no processo de desenvolvimento da AD, é possível tomá-la como uma nova questão

a ser investigada já que estudiosos e pesquisadores desde a abertura para novas discursividades – 1983 – veem a necessidade de levantar novas questões e buscar outros objetos de análise além do discurso político. Como vimos, isto supostamente ocorre devido à construção e à desconstrução que levou Michel Pêcheux e seus colaboradores a reflexões e produções de inúmeros trabalhos que fizeram com que a AD se abrisse para novas discursividades e tornou-se imperativo buscar esses outros objetos que agora vemos também inseridos em novas materialidades discursivas.

Além disso, para pensar a questão acima, traremos autores que não se intitulam analistas do discurso, porém, seus trabalhos podem enriquecer nossa investigação de como se constrói esse discurso. É importante também acrescentar que o que iremos explicar nas próximas páginas é parte de uma reflexão maior acerca do discurso derrisório em nossa pesquisa de doutorado. Sucintamente, diríamos que temos como escopo primordial no doutorado buscar o funcionamento das seguintes categorias de análise: a heterogeneidade⁶ de Authier-Revuz (1990), as formações discursivas partindo de Pêcheux e Foucault em oito videomontagens do YouTube.

Retomando a questão da derrisão, em francês *dérision*, esse termo/vocabulo que tanto instiga nossa investigação tem origem no século XIII, no baixo latim *derisio*, *derideri* que incita o sentido de “fazer pouco de” algo ou alguém. Tem como seu significado a zombaria, o “desprezo que incentiva o riso, trazendo o divertimento de alguma coisa à alguém” ou “coisa insignificante, irrisória”. De maneira sucinta, diríamos que, quando se diz alguma coisa por meio da derrisão, se caça de alguém de forma a despezá-lo.

Segundo a perspectiva argumentativa de Simone Bonnafeus (2003), a derrisão é “a associação do humor e da agressividade que a caracteriza e a distingue da pura injúria.” Je Marie Le Pen, político francês da extrema-direita, faz uso dessa ferramenta argumentativa com jogos de palavras de “efeito injurioso”. Ele denigre e ridiculariza a todos aqueles que ele considera adversários, muitos deles jornalistas,

⁶ A **heterogeneidade mostrada marcada** é da ordem da enunciação, visível na materialidade linguística, ocorre quando o sujeito, além de perceber a presença do outro em sua fala, opta por deixar claro que é o outro que está falando, e assim o faz por meio de marcas, tais como: citações, discurso direto, as palavras entre aspas, itálicos e outros recursos. A **heterogeneidade mostrada não marcada** ocorre quando o locutor, mesmo mencionando o discurso do outro, integra-o à cadeia discursiva, pois ela está na ordem do discurso, sem visibilidade, numa continuidade sintática, embora remetendo seu sentido ao exterior (AUTHIER-REVUZ, 1990).

e manipula o auditório ou os leitores pelo riso ou por uma admiração conseguida pela capacidade inventiva de utilizar a linguagem, evitando e atenuando alguns possíveis embates ao se abrigar na brincadeira. Seu maior alvo são as ideias, a política e os programas de seus adversários e, para denegri-los, o líder de extrema-direita, tem como arma favorita a derrisão para poder convencer os eleitores do seu carisma e, principalmente, da sua honestidade e transparência. Isto por meio de “ataques” a quem puder questioná-lo:

Com seus jogos de palavras e suas *blagues* de “efeito jurioso”, Jean-Marie Le Pen vence em, pelo menos quatro aspectos. Ele denigre e ridiculariza seus adversários, o que é seu objetivo primeiro; ele se esquia de ter que fundamentar seus ataques em demonstrações; ele “manipula” seu auditório ou seus leitores pelo riso ou pela admiração conseguida pelas suas proezas verbais e suas invenções; e, o que não é negligenciável, ele evita os processos ou os atenua, ao se abrigar na brincadeira. Se a derrisão lepenista toma pessoas como alvo, são, contudo as idéias, a política e os programas de seus adversários que o líder de extrema direita combate em primeiro plano. Também nesse caso a derrisão é uma de suas armas favoritas (BONNAFOUS, 2003, p.42).

A presença de um “sic” sarcástico pode denotar um caso de derrisão, como explica Alice Krieg (1999), quando mostra em seu artigo o recorrente uso deste recurso na imprensa de extrema-direita francesa para salientar equívocos ortográficos ou ironizar e para condenar o uso “estranho” de uma palavra de maneira implícita e por extensão descaracterizar as ideias da esquerda francesa. Todavia, ele é caracterizado como uma forma de covardia argumentativa, pois somente aponta o suposto equívoco sem apontar o que seria “o correto” ou mesmo sugerir outro vocábulo. A cada (sic) que acompanha as palavras utilizadas por aqueles a quem a extrema-direita trava sua luta, ela torna ridículo esse discurso que lhe é exterior ao tentar denotar o que o permeia como extravagante, improvável ou delirante. Deste modo, representa esse discurso como caracterizado por mentiras e enganos; por apresentar-se de maneira sarcástica, promove o humor, sendo que a piada espirituosa bem encaixada tem algo de obsceno e de covarde, desenhando esse prazer no implícito trazido pelo (sic) e produzindo o que chamamos derrisão.

Na França, em 2001, a derrisão foi tema da Revista *Hermès* intitulada *Dérision – Contestation* – sob a coordenação de Arnaud Mercier –, consolidando a vontade dos estudiosos em torná-la uma

subdisciplina. Isto porque a derrisão é praticada na fala de uma maneira mais regular do que se possa admitir; além disso, comporta uma competência sócio-emocional muito maior do que aparece à primeira vista. Para explanarmos mais alguns aspectos derrisórios, faremos, neste momento, uma breve exposição do que aponta o estudioso em torno deste tipo de discurso.

Mercier discute que o indivíduo em sociedade tornou-se obrigado a respeitar muitos códigos de comportamento. O poder e suas instituições monopolizaram a violência, sendo que essas instituições têm por missão ordenar e dirigir a agressividade natural, isto é, a vida em sociedade impôs uma reformulação da violência por meio de um “acordo”: o abandono da agressividade individual em troca da garantia de segurança proporcionada coletivamente pelo poder. Contudo, este potencial de violência veementemente alimentado pela ansiedade pode ser reprimido ou diminuído se as reações hostis forem investidas em outro lugar, mas, de alguma forma, considerado tolerável. Liberar a **agressividade** de maneira socialmente aceitável é o que permite os recursos da derrisão, poder dizer sem sofrer a censura apelando à criação de um princípio de prazer transgressor tolerável (MERCIER, 2001). Portanto, tornar algo em derrisão, em riso, é um meio de liberar aquela agressividade contida, supostamente inexprimível.

Os políticos estão se tornando cada vez mais alvo da derrisão popular, pois os cidadãos podem liberar sua agressividade utilizando-se da derrisão que não conduz a nenhum dano imediato, já que as piadas podem consistir em uma das únicas armas disponíveis para combater determinado regime ou até para tentar desfazer de alguma construção teórica que apoia a ideologia do poder (MERCIER, 2001). Em suma, diríamos que a derrisão se apresenta ora como um jogo, ora como algo que não se pode aprisionar, pois não é possível percebê-la na sua totalidade, isto porque ela é mutante. Por isso, torna-se uma forma socialmente aceitável de exprimir a agressividade. De fato, “o humor permite dizer ou sugerir ideias desagradáveis, sem medo de represálias ou reações violentas” (MERCIER, 2001, p.11, tradução nossa).

Expressar-se por meio da derrisão é um ato e então uma prova de existência do indivíduo em sociedade. Em virtude desse fator, ela está relacionada fundamentalmente a **afirmação de si**. O ser humano

quer marcar sua superioridade visto que teme ser dominado, se sentir inferior, dar provas de sua não submissão; para isso, ele escolhe uma vítima, elenca qualidades desvalorizantes de acordo com a identidade de cada uma e o sentimento de superioridade. Para tanto, os indivíduos se agrupam para compartilhar desta ferramenta contra a ansiedade e, assim, ao escolherem um *bode expiatório*, atuam derrisoriamente por uma temática que fortalece e reafirma a identidade do grupo devido aos valores que se tem em comum para então incidir sobre o alvo, salientando que ele não é parte integrante da coletividade que pretende afirmar-se. (MERCIER, 2001). O que irá variar no alvo escolhido são as piadas, que podem ser de caráter profissional, sexual, regional, nacional, étnico, religioso, moral.

Outra característica que envolve a derrisão é a noção de **catarse** (MERCIER, 2003), que também está ligada à liberação da agressividade. Esta questão pode ser tomada como primordial e preponderante para uma determinada ordem social, já que, ao liberar-se pela agressividade, o indivíduo pode canalizar frustrações que seriam expressas por meio da violência e pode também, com o intuito de afirmar-se socialmente, utilizar os mecanismos derrisórios acalmando atitudes que poderiam ser reprovadas. A catarse – que também funciona de modo agressivo – é levantada por Mercier como fundadora da derrisão; contudo, ela diferencia-se da noção pura de agressividade citada acima porque ela seria a resposta vingativa a uma colocação feita anteriormente. O produtor do discurso derrisório teria uma reação para denegrir o alvo que o incitou em algum momento. É o caso já citado de Je Marie Le Pen, político francês da extrema-direita, que tem como vítimas das suas estratégias de derrisão os jornalistas, pois ele visa subtrair-lhes a credibilidade e ao mesmo tempo escapar de questões embaraçosas elaboradas e colocadas por eles (BONNAFOUS, 2003).

Para poder entender a catarse, diríamos que devemos associá-la à noção de liberação da agressividade como forma de purificar o indivíduo, produzir uma sensação de alívio. É o que se pode chamar de cômico grave – que gera um grande prazer –, sendo que quem sente esse prazer é somente aquele que praticou a transgressão. Seu objetivo, portanto, seria levar o indivíduo ao equilíbrio, ao bem-estar de um sistema social, é uma forma de “evoluir” aquilo que supostamente não se poderia “tirar do lugar”. Chega-se, então, à questão da **regulação**

social, e uma das formas para que ela aconteça é a partir da reflexão por meio da contestação. “É um modo de não se usar a violência física convidando os indivíduos a compreenderem a agitação em torno do alvo” (MERCIER, 2001, p.14, tradução nossa).

Portanto, é possível considerar que a derrisão seja, sem dúvida, um bom equilíbrio de um sistema social, dilacerado pelas demandas do assujeitamento social e sempre ameaçado por uma deriva destrutiva. Isto porque o riso associado à fixação em derrisão não procura somente desestabilizar as normas e os valores sociais; pelo contrário, o riso tem uma função de corretor social, ele também apoia as convenções (BERGSON, 2004).

O riso deve ser alguma coisa desse tipo, uma espécie de *gesto social*. Pelo medo que inspira, o riso reprime as excentricidades, mantém constantemente vigilantes e em contato recíproco certas atividades de ordem acessória que correriam o risco de isolar-se e adormecer; flexibiliza enfim tudo o que pode restar de rigidez mecânica na superfície do corpo social (BERGSON, 2004, p.15).

Diríamos então que o riso aprova aquilo que está muito distante das normas sociais, como não respeitar as convenções. Contudo, funciona também como regulador social, traz a norma de volta, isto é, impõe um enrijecimento contra a fluidez da vida social (MERCIER, 2001) sendo esta a fonte do cômico que se “propõe” construir.

Admitidos ou contestados, muitos valores humanos são alvo constante dos discursos derrisórios e por isso o riso da derrisão exerce uma dinâmica sócio-emocional em que a violência desempenha efeitos variáveis sobre as trocas que ocorrem; isto abre um vasto campo de análise. As linhas que permitem analisar a lógica derrisória são particularmente ambíguas. A ambiguidade dos fatos se apresenta quando algo pode significar dependendo do Outro. É por isso que a derrisão possui um poder de revolução inegável, é subversiva. Torna-se conveniente não subestimar sua capacidade de suscitar resistências sócio-políticas, pois a derrisão é arma contra algumas convenções julgadas muito rígidas em uma sociedade; ao contrário, também pode contribuir para a solidificação dos valores culturais dominantes (FEUERHAHN, 2001).

Por meio deste paradoxo, podemos observar a ambiguidade que se instala na derrisão já que ela pode abrandar determinadas normas

sociais e exaltá-las quando imperioso para a consolidação relativamente momentânea de determinados fins. Há uma ambivalência de certas formas de derrisão política, isto porque a derrisão construída na política pode também ser encarada como um modo de reformar suas próprias ideias. Ela é ferramenta útil para a construção de um discurso contestador que regula outros discursos e ao mesmo tempo impõe sua própria dinâmica; assim a redução das tensões se opera por uma recodificação dos conflitos em termos que permanecem discursivos (MERCIER, 2001).

A derrisão em videomontagens do YouTube

Para realizar uma breve análise discursiva acerca da derrisão e exemplificá-la neste trabalho, fizemos alguns recortes que, em primeiro lugar, comprovam a inserção das videomontagens na categoria de discursos derrisórios e, posteriormente, mostram o resgate de ideias realizado, resultando num percurso de desconstrução e ataque à imagem do político. Resgate de ideias que envolvem o candidato, mas que, ao serem engendradas pelo produtor das videomontagens, quebram uma linearidade esperada, provocando humor e por consequência o riso; humor este que tem por objetivo descaracterizar o alvo contestando valores sociais, por isso, humor derrisório.

As videomontagens que foram investigadas foram intituladas como: *Lula o analfabeto*, *Lula Bebum* e *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva*, todas ainda estão *online* e foram postadas no ano eleitoral de 2006.

Primeiramente, faremos uma breve descrição de como elas se constituem para, em seguida, lançarmos nosso olhar analítico acerca dos recortes realizados.

De maneira sucinta, podemos dizer que as videomontagens são um material multimodal que apresenta som, imagem e materialidade discursiva acopladas. São compostas por imagens em movimento, intercaladas por slides que carregam os discursos de humor; em *Lula Bebum* e *Novas Pérolas de Sabedoria*, essas imagens aparecem acompanhadas por uma música inserida pelo produtor desses vídeos. As imagens em movimento (ou não) que encontramos entre os slides podem ser recortes de debates, discursos, festas, viagens e outras

aparições do candidato.

Para descaracterizar e assim construir a derrisão, o produtor do discurso tenta afirmar que Lula é burro nas três videomontagens que serão apresentadas. A falta de escolaridade, o fato de não ter frequentado ensino superior resgatam uma memória social de que ele é incapaz, ignorante perante a sociedade e, por isso, não pode ocupar o cargo de presidente. Vejamos em *Lula o analfabeto*, *Lula Bebum* e *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva*, respectivamente.



Figura 1 (01:57 – 02:05)

E2⁷: “e uma novidade que talvez vocês não conheçam ainda o agádil que é o óleo vegetal diretamente misturado e refinado na refinaria”

Soa a campainha

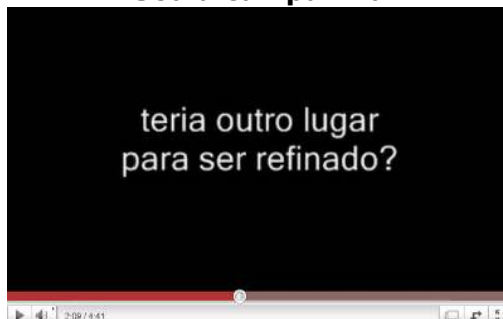


Figura 2 (02:06 – 02:09)

No recorte acima, da videomontagem *Lula o analfabeto*, temos a associação entre o presidente utilizar um vício de linguagem e, por isso, ele ser ignorante e burro; como se ele supostamente não soubesse onde foi refinado o óleo vegetal citado. Observemos o enunciado que se constrói como uma interrogativa, mas de maneira irônica: *teria outro lugar pra ser refinado?* É ele quem pode nos conduzir a ideia de burrice e uso inadequado da língua. Todavia, devemos nos ater ao fato de que na linguagem oral o uso de pleonismo é recorrente,

⁷ E1: Sujeito produtor do discurso derrisório; E2: Lula.

por tratar-se de uma fala não ensaiada, um discurso que não foi previamente preparado, julgamos que a ideia apenas reproduz o que mais ouvimos no senso comum “O Lula não sabe falar, é burro”. Em *Lula o analfabeto*, o objetivo de descaracterizá-lo como iletrado é constante. No recorte acima, assim como em outros, está ligada a ideia da utilização “equivocada” da língua à burrice e ignorância de Lula. Há, neste recorte, “um raciocínio falacioso de que escrever de acordo com a norma ortográfica de uma língua é sinônimo de inteligência” (BARONAS, 2008) socialmente aceita.

Tal raciocínio, embora veiculado e cotidianamente alimentado pela mídia, povoa o imaginário lingüístico da grande maioria da população brasileira a qual considera qualquer manifestação lingüística que esteja fora do que é concebido pelas gramáticas e dicionários como correta como algo feio, deturpado, deficiente, não-língua e, principalmente, como sinônimo de *atraso mental* (BARONAS, 2008, p. 149, grifo nosso).

Contudo, é importante registrar que o fato do presidente não utilizar a norma culta da língua também vem associado a outras questões como a incompetência, a corrupção, a falsidade.



figura 3 (01:49 – 01:55)



figura 4 (01:56 – 01:59)

Em *Lula Bebum*, não há o uso da ironia para que o sujeito-co-enunciador faça suas inferências, o sujeito-enunciador utiliza-se da imbricação *imagem mais materialidade lingüística* para construir um sentido direto. Encontramos a fotografia de um burro na frente de uma cerca de madeira e um pasto, antecedido por uma sobreposição de uma tarja vermelha com a sentença escrita em branco: *mas não passa de um...* que submerge cinco segundos antes da imagem. Entendemos que esse *estilo* direto utilizado em *Lula Bebum* pode caracterizar uma forma de liberar a *agressividade* contida que não poderia ser expressa; a ansiedade criada em torno da melhora do país e dos problemas sociais alimenta um potencial de violência que pode ser liberado quando o

indivíduo se expressar por meio da derrisão e assim do humor, lugar que é considerado socialmente aceito (MERCIER, 2001).



Figura 5 (00:14 – 01:33)

E2: “Um país que constrói um monumento daquela magnitude tem tudo para ser mais desenvolvido do que é realmente” (Na Índia, referindo-se ao Taj Mahal, em 29 de janeiro de 2004).

Neste recorte, temos a inserção de uma imagem que supomos que Lula esteja na rampa do Palácio do Planalto, pois conseguimos visualizar, como pano de fundo, as fardas da guarda do Palácio. Ao fazermos a leitura, logo notamos a analogia equivocada feita pelo presidente, analogia essa que desestabiliza uma lógica e assim pode promover o humor. O fato de a Índia ter construído o Taj Mahal, uma das Novas Sete Maravilhas do Mundo Moderno⁸, não justifica que ela tenha que ser obrigatoriamente mais desenvolvida do que é. Em virtude dessa afirmação e de outras ao longo da videomontagem que podem ser vistas como uma das materialidades discursivas que orientam nosso olhar, há a construção de argumentos que embasam a “burrice presidencial”, pois como pode um presidente fazer essa tipo de associação tão simplista? Poderíamos pensar que o nosso país também construiu o Cristo Redentor no Rio de Janeiro, também uma das Novas Sete Maravilhas do Mundo Moderno⁹, mas isso não significa que eles sejam o símbolo do desenvolvimento ou que por isso nossos governantes tenham se preocupado em melhorar o país em todos os âmbitos para torná-lo desenvolvido. O que pode constituir o sentido exposto aqui é a música que, nesse momento, tem uma configuração diferente das outras sequências porque são inseridas várias vozes que nos permitem apreender que suplicam por algo, não é possível entender o que se diz, mas a súplica pode significar o povo brasileiro que roga por mudanças, o presidente ignorante e burro não toma providências.

8 http://pt.wikipedia.org/wiki/Taj_Mahal

9 http://pt.wikipedia.org/wiki/Cristo_Redentor



Figura 6 (02:05 – 02:10)

E1: Lula Geógrafo

E2: “O continente americano e o continente árabe (sic) não podem, mais no século XXI, ficar à espera de serem descobertos”. (Falando na Síria, em 04 de abril de 2004).

Ainda em *Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva*, fizemos outro recorte sobre a afirmação de que Lula é burro, ignorante. Ele se refere ao povo como se fosse um continente de maneira completamente equivocada; é nesse fato que se apoia a ideia da burrice: um presidente que não conhece o mapa geográfico. Por isso, a ironia construída no título *Lula Geógrafo*, que afirmaria os conhecimentos de Lula, traz um discurso que mostra o contrário, que ele não sabe, não conhece o mapa mundial, é ignorante. O uso do (sic) também caracteriza o discurso derrisório, pois como nos explica Alice Krieg (1999), ele é usado para salientar um equívoco quanto ao uso da norma culta da língua, ele salienta o erro ao mesmo tempo em que se distancia dele sedimentado a uma *memória discursiva*¹⁰ em torno de Lula: ele é ignorante, burro.

Assim, nos propomos a entender como funciona a derrisão no batimento descrição e interpretação (PÊCHEUX, 1997) levantando as principais regularidades, isto é, o repetível que atesta pode atestar nossa hipótese de que estamos tratando de discurso de humor diferente dos ***já levantados por outros estudiosos do discurso*** (POSSENTI, 2008, 2010). Esse humor que desconstrói, descaracteriza seu alvo, promove um processo de pasteurização do que está sendo dito, e, embora seja polifônico, ele se quer monologal, homogêneo. É por isso que ressaltamos que nossa investigação requer que busquemos outros caminhos.

¹⁰ A concepção de memória é tomada não somente como lembrança, de “memória individual”; mas como produto da diversidade de condições para se inscrever em um acontecimento. Assim, brota “a tensão contraditória no processo de inscrição no acontecimento no espaço da memória” (p.50), sob o que Pêcheux chama de a dupla-forma limite resultando no acontecimento que não se inscreve e o que se inscreve na memória (PÊCHEUX, M. *O papel da memória*. In.: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007. p.49-57).

Considerações finais

Constatamos que Lula, diferentemente de outros políticos, adota um comportamento e um discurso que favorece a construção de um discurso derrisório porque ele não observa seus próprios atos, é como se ele não utilizasse uma filtragem do chamado “bom senso” ou o que espera o senso comum de um presidente. Deste modo, é possível instalar a contestação e instaurar a derrisão, pois quem é vítima da derrisão geralmente ‘cometeu’ algum ato que é considerado falho diante da sociedade; o sentido que se pretende construir é sempre por intermédio de implícitos disponibilizados pela surpresa que proporciona a construção do humor.

Esse caráter de *contestação* é o que mais difere a derrisão das outras formas de humor, diferente do escárnio que se mostra também como uma descaracterização grotesca, a derrisão tem mais um papel social de *contestação* e por consequência *regulação social* (MERCIER, 2011). Contudo, é possível afirmar também que o aspecto de regulação está no fato das videomontagens reafirmarem alguns valores culturais vigentes; deste modo, pensamos que o discurso derrisório seja um meio de dizer e divulgar e difundir ideias que em outro discurso pode ser interdito.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidades enunciativas*. In: **Cadernos de estudos lingüísticos**, 19. Campinas: IEL, 1990.
- BERGSON, Henri. **O Riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BONNAFOUS, J.J. *Sobre o bom uso da derrisão em J.M.Le Pen*. In: GREGOLIN, M.R. (org.) **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.
- FEUERHAHN, N. *La dérision, une violence politiquement correcte*. In: HERMÉS – Revue. **Dérision – contestation**, nº29, CNRS, Éditions, 2001.
- MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.
- MERCIER, A. *Pouvoirs de la dérision, dérision des pouvoirs*. (Introduction) In: HERMÉS – Revue. **Dérision – contestation**, nº29, CNRS, Éditions, 2001.
- BARONAS, R. L. *Textualizações derrisórias do político: notas sobre um caso*

de heterogeneidade dissimulada. In: BARONAS, R. L.; COX, M. I. P.; DIAS, M. F. Estudos em Ciências da Linguagem: **diálogos, fronteiras, limites**. Cáceres: Editora Unemat, 2008. p. 141-154.

BARONAS, R. L.; KOSCIURESKI, M. B. S. *Observações sobre a textualização do "sic" no discurso político: marcas de derrisão*. In: NAVARRO, P. (org) **Estudos do Texto e do Discurso**. São Carlos, Claraluz, 2006.

KRIEG, Alice. *Vacances argumentative: l'usage de (sic) dans la presse d'extrême-droite contemporaine*. In: BONNAFOUS, S.; FIALA, P. (Dir.). *Argumentations d'extrême-droite. Les langages du politique*. **Mots**, número 58, março de 1999, p.11-34.

Lula Bebum. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=mQj_gOsGeNM. Acesso em 26 de outubro de 2011.

Lula o analfabeto. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=oSYv6RMraLQ>. Acesso em 26 de outubro de 2011.

Novas Pérolas de Sabedoria de Lula da Silva. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=HHGnJZJEZfU>. Acesso em 26 de outubro de 2011.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi [et al.]. 3º edição, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. **Discurso – estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1997.

POSSENTI, S. **Falas de Lula**. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI3966652-EI8425,00-Falas+de+Lula.html>. Acesso em 10 de setembro de 2009.

POSSENTI, S.. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

POSSENTI, S. **Os humores da língua**: análise lingüística de piadas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo, SP: Parábola, 2009.

Recebido em 28 de novembro de 2011.

Aprovado em 05 de abril de 2012.